

## NECRÓPOLE GALAICO-ROMANA DE VILA DE CONDE \*

Por Carlos Alberto Ferreira de Almeida

Vila do Conde é uma das mais notáveis «póvoas marítimas» de Portugal e teve lugar muito importante na economia medieval portuguesa, ligada aos interesses do mar. Sabendo nós como foi importante este ramo económico entre os romanos e como foi desenvolvido o seu comércio marítimo podemos, francamente, suspeitar da existência, nesta localidade, de um ancoradouro portuário, romano, e de um núcleo piscatório e comercial dessa época.

O assoreamento e o contínuo remeximento a que, desde então, povoações portuárias ribeirinhas, como Vila do Conde, estiveram sujeitas dificulta muito o encontro de testemunhos arqueológicos antigos.

O aparecimento, em Vila do Conde, em 1953-1954, perto do mar e não longe de Cachinas, de uma necrópole da época romana, que parece muito vasta e que mostra certa riqueza, confirma a importância epocal desse velho núcleo luso-romano. A recolha do espólio deste cemitério não foi acompanhada por responsável com formação arqueológica. Infelizmente, não sabemos quantas foram as sepulturas apa-

---

\* Este estudo sem o incitamento do Sr. Dr. João Maria dos Reis Pereira, encarregado do Pelouro da Cultura no concelho de Vila do Conde, a quem, vivamente, agradecemos, não teria sido possível. O presente trabalho foi realizado dentro do Projecto de Investigação PL/2.

recidas, qual o rito de enterramento — se cremação ou imunação —, nem temos, mesmo, o material, aparecido, catalogado por sepulturas. Não poderemos, por isso, alcançar muitas das preciosas conclusões que, historiograficamente, se podem tirar do estudo minucioso e sistemático das necrópoles desta época. Mas vale bem a pena publicar-se o espólio remanescente, que se poderá datar desde os fins do século II ao século IV, da nossa era. Daremos assim um importante contributo para, nos dias de amanhã, se poder fazer uma tipologia, bem necessária, da tão abundante cerâmica comum, galaico-romana, desta região. Não iremos entrar em grandes comparações. Nem vale muito a pena antes da publicação condigna do espólio das necrópoles de Bougado, Castelo da Maia, Gulpilhares, Amarante, Monte Murado, Castelo de Paiva, da zona de Paços de Ferreira, do Freixo, do material existente no Museu da Sociedade de Martins Sarmiento. Em todos estes locais há cerâmica semelhante a esta de Vila do Conde e de épocas afins<sup>1</sup>.

O espólio recolhido que se conhece, à excepção de um fragmento de um copo de vidro, consta só de cerâmica e e guarda-se, na sua maior parte, na Biblioteca-Museu Municipal de Vila do Conde onde se encontra catalogado e numerado desde 45 a 91 e de 95 a 102. Meia dúzia de peças desta necrópole foram parar ao Museu Etnográfico do Grémio da Lavoura de Vila do Conde, onde o pudemos estudar.

Na publicação que a seguir faremos, uma vez que não temos quaisquer referências de conjuntos ou qualquer atribuição a sepulturas, começaremos pelas peças de cronologia melhor definida, vidro, cerâmica sigilata e lucernas, fazendo depois a análise da louça comum que catalogaremos sob o aspecto formal e funcional em pratos, malgas, jarros, cântaros, potes e unguentários.

---

<sup>1</sup> Com um grupo de alunos, que tanto me ajudaram nos desenhos desta cerâmica, estamos a projectar a publicação sistemática destes materiais. Sobre este aspecto o que de melhor, nesta zona, se fez pertence à gloriosa geração de Ricardo Severo, José Fortes e Rocha Peixoto, os quais nas páginas da grande revista *Portugália* nos deixaram notícias sobre diversas necrópoles e desenhos de formas semelhantes a algumas de Vila do Conde.

## VIDRO E SIGILATA

A necrópole, tanto quanto hoje encontramos, deu-nos poucos destes materiais. Temos:

1 — Fragmento de copo de vidro, com bordo em aresta, de tonalidade esverdeada, muito pálida, com muitas bolhas de ar e impurezas. Apresenta sinais de irisão. Há paralelos desta forma no Museu Martins Sarmiento e em Conimbriga<sup>2</sup> e é datável do séc. IV da nossa era<sup>3</sup>. Catalogado com o n.º 102 encontra-se, com outros fragmentos, na Biblioteca-Museu de Vila do Conde (Est. II, 1).

2 — Prato de sigilata, da forma Drag. 15/17 e de fabrico hispânico. A pasta, com alguma calcite, tem boa cozedura. O verniz, internamente, é de um vermelho carregado, aderente, espesso e homogêneo; externamente é de cor alaranjada e encontra-se muito estalado. Tem no fundo interno, dentro de um rectângulo com remates bifidos, a marca do oleiro, saliente, em grafia arcaica: IIX OF ENC (Est. I, 1 e II, 3). Está fragmentado em diversos bocados.

Que saibamos é a primeira vez que aparece esta marca de oleiro. Há um ceramista hispânico com nome parecido, que aparece em timbre semelhante, bem documentado em Marrocos, e que habitualmente assina: IIX OF NO<sup>4</sup>. Não nos

---

<sup>2</sup> Cfr., por exemplo, Laet, Doorselaer, *La Nécropole Gallo-Romaine de Blécquy*, Bruges, 1972.

<sup>3</sup> J. A. Alarcão, *Vidros Romanos de Conimbriga*, 1965, págs. 119-120, Est. VIII, 203.

<sup>4</sup> Na necrópole de Lanzada (Noalla), Pontevedra, na sepultura 7, de inumagção, havia um copo deste tipo (Cfr. Blanco Freijeiro, Fusté, Allén, *La Necrópolis Galaico-Romana de la Lanzada (Noalla) Pontevedra*, «Cuadernos de Estudios Gallegos», t. XVI, 1961, págs. 147-148. Os enterramentos nesta estação correspondem, nos casos datados, ao século IV.

<sup>5</sup> Ver. J. Boube, *La Terra Sigillata Hispanique en Maurétanie Tingitane I — Les Marques de Potiers*, Rabat, 1965, págs. 106, 104; J. Boube, *La Terra Sigillata Hispanique en Maurétanie Tingitane: Supplément au Catalogue des Marques des Potiers*, «Bulletin D'Archéologie Marocaine», t. VII, págs. 134-135; A. Balil, *Materiales para um índice de marcas de ceramista en Terra Sigillata, Hispânica*, «Archivo Español de Arqueología», vol. 38, 1965, pág. 166.

parece possível a identificação. No nosso exemplar, lê-se, claramente, no final da marca, a letra C e não O e a letra depois do F, a sexta, é um E e não um N<sup>o</sup>.

Esta peça apresenta ainda dois grafitos: uma cruz, na parede externa, e no fundo, internamente e perto da moldura, as letras MEM MF. Se esta inscrição for de sentido funerário, como parece, talvez se pudesse desdobrar assim: *nem(oria) m(atris) f(ecit)*.

É difícil propor uma datação segura para este prato porque foi muito longa a moda do seu fabrico. Mas pela grande abertura das suas paredes e por porque está assinado deverá ser dos fins do século II ou inícios dos III<sup>7</sup>.

Esta peça está fragmentada e encontra-se na Biblioteca-Museu Municipal de Vila do Conde, com o n.º de catálogo, 53.

3 — Pequena malga de terra sigilata, hispânica, de forma Ritterling 8 e de aspecto tardio. A pasta é de cor beije, branda e com muita calcite. O verniz, externamente, é brilhante e alaranjado; internamente apresenta manchas e está muito gasto. Pela quase ausência de pé e simplicidade de bordo, pelo aspecto do verniz e da pasta, esta peça deverá datar-se dos fins do séc. III ou do séc. IV.

Está quase completa e encontra-se depositada na Biblioteca-Museu de Vila do Conde sob o n.º 54 (Est. II, 4).

4 — Fragmento com parte do fundo de uma forma Drag. 27, de terra sigilata hispânica. A pasta embora tenha alguma calcite é de boa qualidade e o verniz, brilhante, homogêneo e espesso, está bem conservado. No fundo, lado interno, tem impressa a marca de oleiro, infelizmente, incompleta por causa da fractura. Consegue-se ainda ler, perfeitamente, EX OF. A seguir em conexão talvez tivéssemos um M (Est. II, 5).

Catalogado com o n.º 55 encontra-se no Museu, antes citado.

<sup>6</sup> No caso de ser o oleiro antes citado teríamos de ler: IIX OFF NO.

<sup>7</sup> Mesquiriz, *La Terra Sigillata Hispanica*, Valencia, T. I., 1961, págs. 54 e 45.

5 — Fragmento de um grande prato de sigilata clara C, da forma 40 de Lamboglia<sup>8</sup> ou 31 de Hayes<sup>9</sup>, produção do Norte de África. É uma forma muito difundida em toda a bacia mediterrânica e também bastante frequente no Norte de Portugal<sup>10</sup>. Apresenta sintomas de ter tido muito uso, porque o verniz interno está quase desaparecido. Externamente há vestígios do escorrimento do banho do verniz. A datação sugerida para esta peça é os meados do séc. III. O prato está muito partido. Pertencem-lhe, pelo menos, onze fragmentos. Tem no catálogo do Museu de Vila do Conde o n.º 100 (Est. II, 2).

6 — Lucerna cuja forma, assimétrica, é característica da zona de Braga (Est. I, 2 e II, 6 e 7). Tem asa perfurada que está partida. Era colocada sobre a *margo*. Em redor do buraco para a mecha há uma mancha escura, sintoma de ter sido utilizada. O estado de conservação não é muito bom. Apresenta raros vestígios de engobe, cor de camarão, e tem o disco, que era decorado em coroa de louro, partido na parte central. No fundo, do lado exterior, apresenta em relevo, já muito desgastado, a marca do ceramista. Dentro da moldura circular lê-se, em duas linhas: EX O / LVCRET. A forma de texto e a sua disposição aconselham a reconstituição: EX OF / LVCRET. Lucretius é um oleiro de quem conhecemos já, pelo menos, duas lucernas, uma de Cacabelos (Conv. Asturum)<sup>11</sup> e outra do castro da Fonte do Milho<sup>12</sup> (Douro). O nosso exemplar não mostra a perfeição e a

---

<sup>8</sup> N. Lamboglia, *Nuove Osservazioni Sulla «Terra Sigillata Chiara»*, «*Révue d'études Ligures*», 1963, ano 29, págs. 147-150.

<sup>9</sup> Hayes, *Late Roman Pottery*, Londres, 1973, págs. 52-53.

<sup>10</sup> Em Fiães, Feira, e em Guifões há vários exemplos.

<sup>11</sup> A. Balil, *Lucernae Singulares*, Bruxelas, 1968, pág. 58.

<sup>12</sup> R. Cortez, *As Escavações Arqueológicas do «Castellum» da Fonte do Milho*, Porto, 1951, pág. 61. Esta lucerna que há pouco pudemos examinar não tem qualquer alfa ou omega, como o autor diz. É um duplo ramo de loureiro e, embora tenha o bico partido, poderá classificar-se entre as lucernas do tipo III A-B de Ponsich (M. Ponsich, *Les Lampes en Terre Cuite de la Maurétanie Tingitane*, Rabat, 1961, pág. 61), do séc. II. Aquele autor levou-me a um equívoco (*Notas Sobre A Alta Idade Média*, Porto, 1973, pág. 21) que aqui desfago.

qualidade da pasta e o grau de cozedura da lucerna duriense embora tenha, como esta, sobre o disco, um ramo de loureiro. É possível que o oleiro Lucretius seja o mesmo, ou, talvez melhor, que as oficinas donde provieram sejam do mesmo ceramista. A candeia de Vila do Conde teve porém um molde bastante diferente e é de aspecto mais fruste.

A lucerna de Vila do Conde tem uma tipologia que se não adapta, verdadeiramente, às classificações clássicas, devido à sua forma muito assimétrica. É sobre este aspecto de tipo que devemos classificar como «bracarense». Na verdade Carlos Teixeira publicou<sup>13</sup> três lucernas, aparecidas na cidade de Braga, que apresentam aspecto assimétrico semelhante ao nosso exemplar e cuja cronologia deve ser a mesma. A lucerna de Vila do Conde embora tenha decoração no disco e não na *margo*, deverá datar dos fins do século II ou da primeira parte do século III.

Encontra-se na Biblioteca-Museu da localidade com o n.º 60 do catálogo.

## CERAMICA COMUM

### Pratos:

7 — Prato de cozinha com uma ligeira fractura no bordo. A pasta, amarelo-terrosa, é muito tenra. Apresenta na superfície interna vestígios de um englobe, fino, vermelho, inspirado certamente na tradição da cerâmica do tipo vermelho-pompeiano (Est. II, 8).

Está catalogado na Biblioteca-Museu de Vila do Conde, com o n.º 45. No mesmo museu sob os n.ºs 48 e 46 encontram-se dois fragmentos, talvez de um mesmo prato, que tem tipologia semelhante ao exemplar que ilustramos.

---

<sup>13</sup> Carlos Teixeira, *Subsídios para o Estudo da Arqueologia Bracarense — II Lucernas*, Porto, 1938.

8 — Fragmento de prato de cozinha, reconstituível, de cor escura, pasta cheia de areia mas com boa cozedura (Est. III, 1).

As formas destes pratos de bordos simples, sem lábio, derivam dos protótipos romanos de serviço de cozinha, de uma fase evoluída da cerâmica denominada «vermelho-pompeiano». Está exposto no museu, antes citado, com o n.º 47.

9 — Prato íntegro cuja pasta com muita areia e mica apresenta cozedura pouco intensa (Est. III, 3). Internamente tinha engobe avermelhado de que restam alguns vestígios. Este prato, talvez de mesa, e que, pelo bordo, parece recordar a forma 59 de Hayes, de sigilata clara D, apresenta no fundo, lado exterior, profundamente gravado após a cozedura, uma curiosa marca, talvez de propriedade, que se ilustra (Est. III, 4).

Está exposto no Museu Etnográfico do Grémio da Lavoura de Vila do Conde.

10 — Prato, em cerâmica comum, que imita a forma 15/17 da sigilata hispânica, tardia (Est. III, 5). Nesta zona, entre todos os tipos de terra sigilata talvez seja esta a forma mais vulgar<sup>14</sup>. Não admira, por isso, que tenham surgido as imitações, em cerâmica comum, que são muito frequentes. Encontrámo-las em Fiães (Feira), no Monte Mozinho (Museu de Penafiel) e Freixo (Marco de Canavezes). Além da forma, típica, alguns exemplares apresentam vestígios de engobe vermelho, procurando, assim, imitar o próprio aspecto externo da sigilata.

O prato que ilustramos encontra-se no Museu Etnográfico de Vila do Conde e apresenta pasta pouco apurada, de cor beije. Tem má cozedura e não mostra vestígios de engobe.

Na Biblioteca-Museu de Vila do Conde com o n.º 99 há um pedaço desta mesma forma, em cerâmica comum. Este, porém, apresenta vestígios de engobe, na parte interna (Est. I, 5).

---

<sup>14</sup> Ao menos em Fiães, Feira, pelo que conhecemos, é a forma mais frequente, muito mais vulgar que a 27.

11 — A taça que ilustramos (Est. III, 6) é, nitidamente, uma imitação da forma Drag. 36, em sigilata, embora não apresente sobre o largo bordo, encurvado para fora, as características folhas de água. O protótipo desta peça de Vila do Conde deve ser porém alguma forma tardia em sigilata hispânica, no género, por exemplo, de um tipo aparecido em Liedena<sup>15</sup> que quase não tem pé e não apresenta, sobre o bordo, folhas de água. O nosso exemplar tem vestígios de engobe vermelho. É difícil darmos a esta imitação uma cronologia exacta, uma vez que a forma imitada teve longa perduração. Encontra-se na Biblioteca-Museu de Vila do Conde sob o n.º 49. Aí existem mais dois exemplares deste mesmo tipo, n.ºs 50 e 51, embora mais pequenos. Têm 20,5 cm de diâmetro.

12 — Taça da mesma forma da anterior mas com o bordo mais recurvado. A pasta tem areia e mica e é de cor amarelo-terrosa. Tem uma cozedura razoável e está coberto, interna e externamente, de um aguado engobe, vermelho (Est. III, 2). Está bem conservado e encontra-se no museu, antes citado, com o n.º 52.

### Malgas:

13 — Malga com um pequeno pé, tipo anel, e um bordo com um pequeno lábio levemente descaído para fora. Pelo pé que apresenta e pelo bordo que tem é uma forma inspirada na sigilata. Talvez lembre mais certos tipos da forma Drag. 35 que da terra sigilata clara D. A pasta tem bastante areia e é de uma coloração amarela-clara. O fundo, ligeiramente côncavo, tem um grafito em cruz (Est. IV, 1).

Depositada na Biblioteca-Museu de Vila do Conde tem o n.º 57.

14 — Malga que pela sua forma, abstraindo o bordo, lembra a forma Drag. 29, embora não tenha decoração. Tem

---

<sup>15</sup> Mesquiriz, *op. cit.*, t. II, Lâmina, 16, n.º 11.



próprio para vinho a sua vulgaridade talvez seja um sintoma para podermos pensar numa relativa abundância de vinho nesta zona e nessa época. Bem conservado, está na Biblioteca-Museu de Vila do Conde, com o n.º 90. Aqui existem ainda fragmentos de outros vasos deste género, catalogados sob os n.ºs 88, 95, 96 e 97.

19 — Jarro com uma grande fractura no bojo, que é bastante dilatado. O fundo é ligeiramente côncavo. A cozedura é má, a pasta tem muita areia e é de cor amarelada, apresentando vestígios de um engobe, muito aguado, de coloração avermelhada (Est. V, 2).

Esta depositado no Museu Etnográfico de Vila do Conde.

20 — Com sintomas de ter tido asa, que por fractura se perdeu, a vasilha catalogada na Biblioteca-Museu de Vila do Conde, com o n.º 68, aparece-nos como uma peça cuidada e muito bem torneada (Est. V, 3). A pasta, apurada, tem coloração beije e está relativamente bem cozida. Tipologicamente semelhantes são as jarras embora não mostrem tanto esmero, que no mesmo museu se guardam com os n.ºs 66 e 67. Têm também as asas partidas.

21 — Jarro com fundo plano e uma pronunciada carena na parte superior do bojo. Embora fracturado é possível a sua perfeita reconstituição (Est. V, 4).

22 — Parte superior de um curioso jarro, muito bem torneado, pasta de qualidade razoável, bem cozida e de uma coloração levemente avermelhada. Parece, tendo em atenção a forma da sua boca, que deveria ter uma pequena tampa, tipo rolha, para cobrir o gargalo (Est. VI, 1). É pena que a vasilha não esteja completa mas o lançamento do seu bojo deveria ser semelhante ao do jarro ilustrado sob o n.º 19. O tipo de bordo aparece também na forma 20 de sigillata hispânica, lisa<sup>16</sup>.

Expõe-se na Biblioteca-Museu de Vila do Conde com o n.º 89.

---

<sup>16</sup> Mesquiriz, *op. cit.*, t. II, Lâmina 25.

um fino pé anelar e um fundo biconvexo. A pasta é relativamente apurada mas com tendência para estalar em escamas. Internamente tem vestígios de engobe vermelho, espesso (Est. IV, 2).

Esta vasilha tem uma pequena fractura e encontra-se no Museu Etnográfico de Vila do Conde.

15 — Malga cuja pasta friável, com areia, tem uma coloração terrosa. O pé é um espesso fundo plano. Neste, do lado externo, há um profundo grafito, talvez marca de propriedade, semelhante a um H. Pela sua forma e pelo seu bordo este exemplar tem certas recordações de alguns tipos tardios da forma de sigilata 37 hispânica, lisa (Est. IV, 3).

Encontra-se na Biblioteca-Museu de Vila do Conde com o n.º de catálogo, 56.

16 — Malga, tipologicamente, semelhante à anterior, mas com bordo simples. A pasta, porém, é mais apurada que a daquela e apresenta, internamente, engobe vermelho (Est. IV, 4). A sua forma parece também inspirada na 37, hispânica, tardia. Está no mesmo museu, com o n.º 58.

17 — Malga aparentada, na forma, à Ritterling 8, hispânica, embora não apresente pé. O fundo é ligeiramente realçado. Mas pela pasta, apurada, e pelos vestígios de engobe vermelho, espesso, que ainda se notam e com a superfície externa bem torneada e polida, sente-se que houve certa preocupação de imitar a cerâmica sigilata (Est. IV, 5).

Encontra-se na Biblioteca-Museu de Vila do Conde, catalogada com o n.º 59.

### Jarros e Jarras:

18 — Jarro, tipo oenokoé, com boca trilobada (Est. V, 1). Funcionalmente era próprio para conter vinho. Sobre a asa tem uma saliência para apoio do polegar direito. O fundo é muito côncavo. A pasta, relativamente apurada, de cor esbranquiçada, apresenta um engobe avermelhado. É um tipo muito frequente nos cemitérios luso-romanos da zona e até em níveis habitacionais do século IV. Se era um jarro

23 — Jarra com grande simplicidade de linhas, pasta com bastante areia e de coloração amarelo-esbranquiçada. Tem sintomas de faixas pintadas a ocre, que junto do fundo se vêem melhor (Est. VI, 4).

Está exposto na Biblioteca-Museu de Vila do Conde, com o n.º 72.

Tipologicamente semelhantes, há diversas peças que se expõem no mesmo museu com os números 69 e 71.

24 — Pequena jarrita, de cerâmica, sem pé, com um bordo longo que se alarga obliquamente ao vaso. A qualidade da pasta, com bastante areia e mica, é diferente da cerâmica cinzenta, brunida. É menos apurada (Est. VI, 2).

Na necrópole de Lanzada, Pontevedra, com muitos enterramentos datados do séc. IV, a sepultura n.º 22, de imunação, deu uma jarrita igual a esta<sup>17</sup>. O nosso exemplar está depositado no Museu-Biblioteca de Vila do Conde com o n.º 74.

25 — Jarrita de cerâmica cinzenta, fumigada, com pasta apurada e de bom toque. Tem decoração brunida, de aspecto rectilíneo (Est. VI, 3).

Este tipo de cerâmica é muito abundante no Norte de Portugal. O próprio cemitério de Vila do Conde deu diversos testemunhos de louça desta qualidade e deste tipo. Este exemplar, que ilustramos, está no Museu-Etnográfico de Vila do Conde mas, no Museu-Biblioteca da mesma localidade, sob os n.ºs 75 e 73 há dois jarritos do mesmo género.

Esta qualidade de cerâmica, cujas raízes estão na época pré-romana, ainda se fabricava no séc. IV no Norte de Portugal. A mais antiga tem porém melhor cozedura e aspecto mais escuro.

---

<sup>17</sup> Blanco Freijeiro, Fusté e Allén, *La Necropolis Galaico-Romana de la Lanzada*, II, separata de «Cuadernos de Estudios Gallegos», t. XXII, 1957, págs. 16-17.

A cerâmica comum desta época viajava mais que a cerâmica castreja.

**Púcaros e Potes:**

A necrópole de Vila do Conde deu dois pequenos púcaros com duas asas, mas fragmentados. Guardam-se no Museu-Biblioteca de Vila do Conde, catalogados sob os n.ºs 70 e 87. Publicamos o primeiro:

26 — Pequena púcara, de cor amarelada, com asa geminada, à qual falta uma das asas.

As vasilhas sem asa são mais abundantes. Umhas têm paredes muito finas, bem torneadas, e pequeno tamanho. São os «vasos lacrimatórios» ou talvez, melhor, vasos de toucador isto é, ungentário. Outros, maiores, têm paredes mais grossas e menos cuidadas: são os potes.

27 — Pote com um pedaço de bordo partido, pasta cheia de areia, de cor avermelhada, e com má cozedura (Est. VIII, I). Tem no catálogo do Museu-Biblioteca de Vila do Conde o n.º 62.

28 — Pote com a parte superior perdida. As paredes são finas e o fundo é plano. A pasta com uma coloração levemente rosada é relativamente apurada. Sobre a pança há linhas incisas oblíquas, decorativas, feitas com pouca profundidade (Est. VII, 3).

Encontra-se no Museu-Biblioteca de Vila do Conde com o n.º 65.

29 — Pequeno pote com pasta cheia de areia e de mau toque e cor rosada. Tem, externamente, vestígios, manchas escuras, de ter estado à fogueira (Est. VII, 2).

Encontra-se no Museu Etnográfico e está bem conservada. Idêntica peça se encontra no Museu Municipal com o n.º 63.

30 — Pequeno pote fragmentado na parte superior, com pasta relativamente apurada, de cor com tonalidade alaranjada e bem cozida (Est. VIII, 1).

Esta vasilha expõe-se na Biblioteca-Museu de Vila do Conde sob a numeração 77.

**Unguentários:**

Em Vila do Conde, como de resto é habitual nos cemitérios, tardo-romanos, do Norte de Portugal a forma mais frequente, em cerâmica comum, é o unguentário.

31 — Vaso de paredes finas e bem torneado, de pasta apurada, cor beije, e de cozedura pouco intensa. O fundo é levemente levantado (Est. VIII, 2).

Encontra-se no Museu do Grémio da Lavoura mas no Museu Municipal de Vila do Conde, sob os n.<sup>os</sup> 86, 76, 78, 80, 81, 82, 83, há oito exemplares, alguns dos quais muito fragmentados.

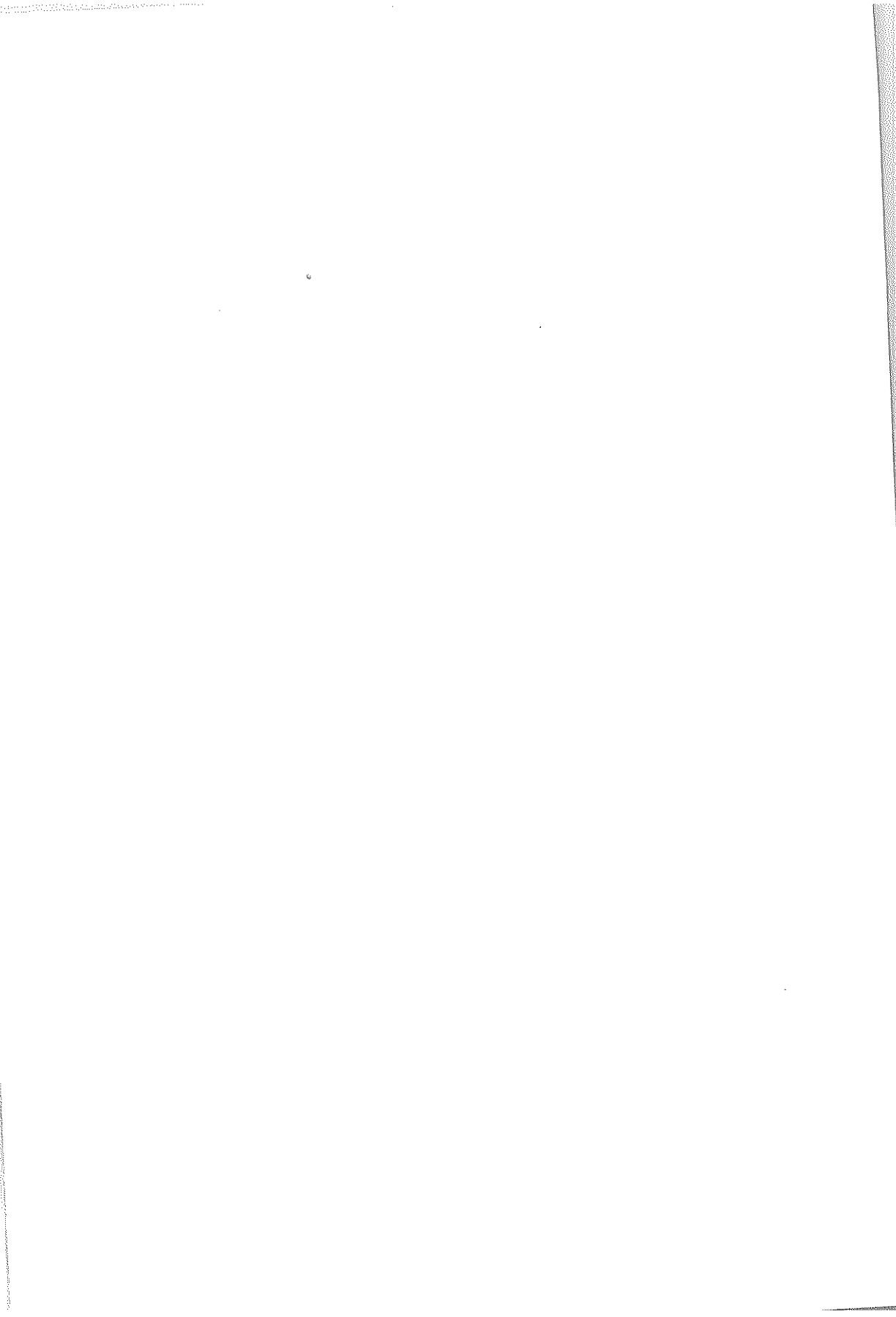
32 — Unguentário bem torneado, quase completo, pasta de boa qualidade e bem cozida mas de cor cinzenta. O fundo é côncavo (Est. VIII, 3).

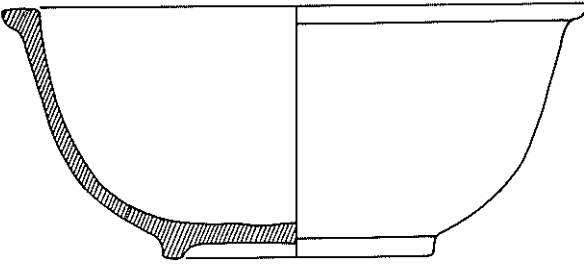
Encontra-se exposto no Museu Etnográfico do Grémio da Lavoura de Vila do Conde. Na Biblioteca-Museu, sob o n.<sup>o</sup> 85, há um pequeno vaso, semelhante, que apresenta em redor do bojo o grafito: OARANTONI.

33 — Vaso, esbelto, incompleto, com pé bem torneado e fundo côncavo (Est. VIII, 4). A pasta é relativamente apurada e tem coloração beije. Sobre o bojo há um grafito, que se ilustra. Está na Biblioteca-Museu com o n.<sup>o</sup> 79.

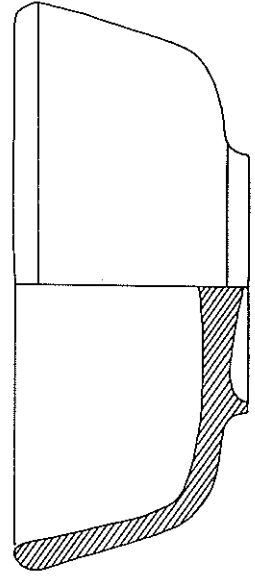
34 — Deve ser ainda considerado unguentário um pequeno vaso, sem asas, de paredes finas, pasta bem decantada e de um aspecto acastanhado. Nas superfícies, interna e externa, a vasilha tem uma cor cinzenta-escura. A pasta está bem cozida. Sobre a pança ovóide, separadas por finos filetes, há duas largas manchas cobertas com «guilhocis», de aspecto triangular (Est. I, 4 e VIII, 5). Tem um pequeno furo no bojo.

Encontra-se na Biblioteca-Museu de Vila do Conde com o n.<sup>o</sup> 84.

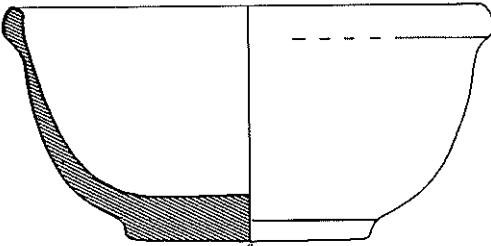




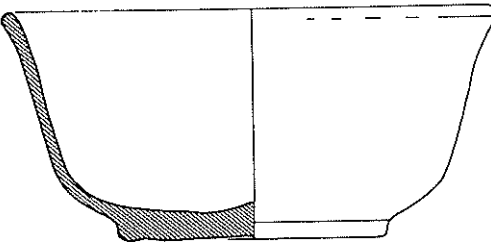
1



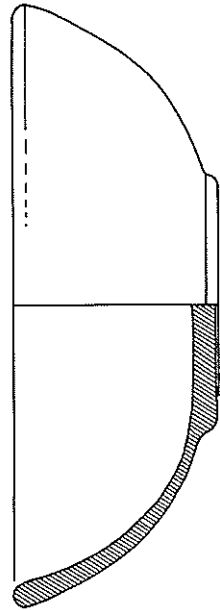
2



3



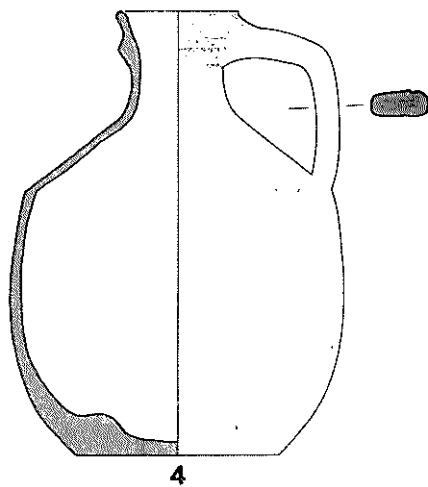
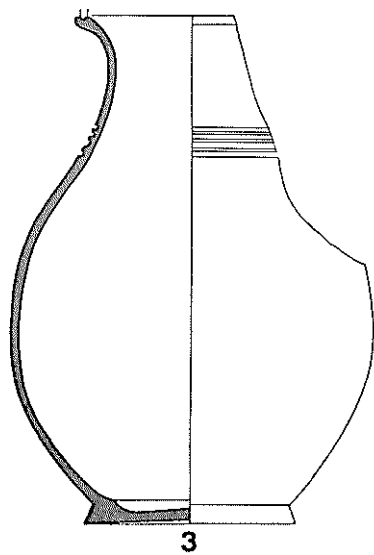
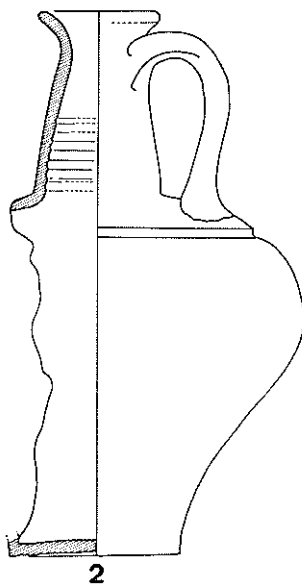
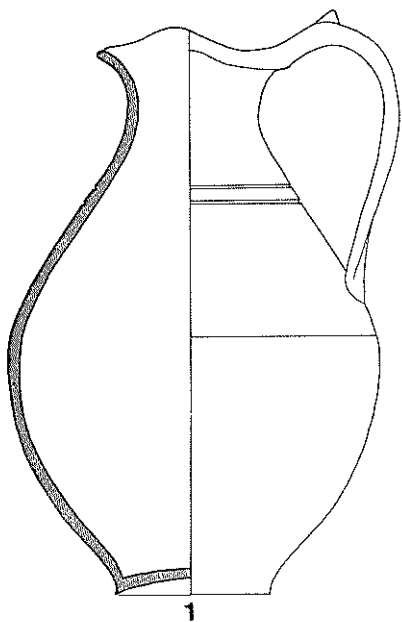
4



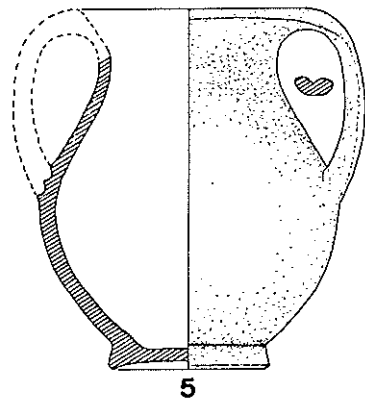
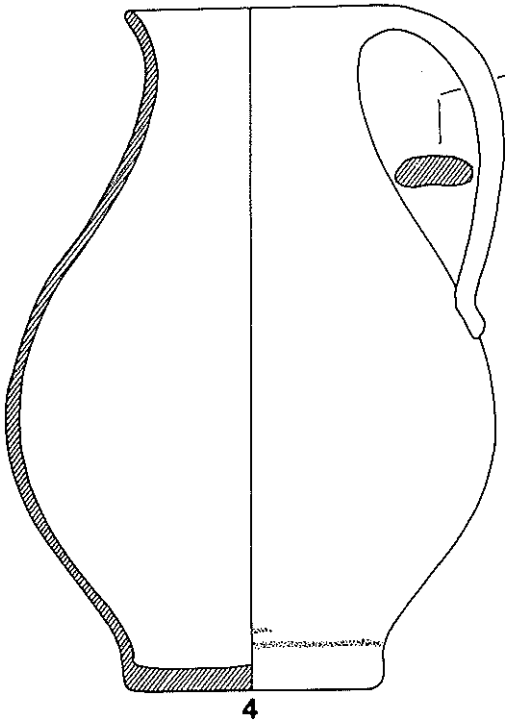
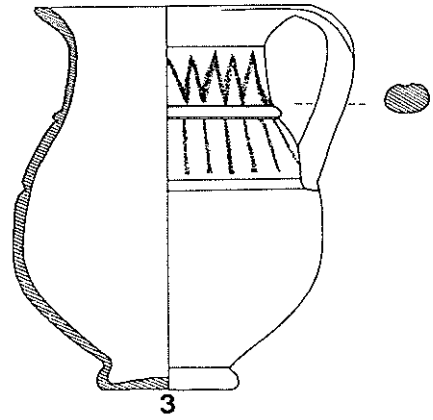
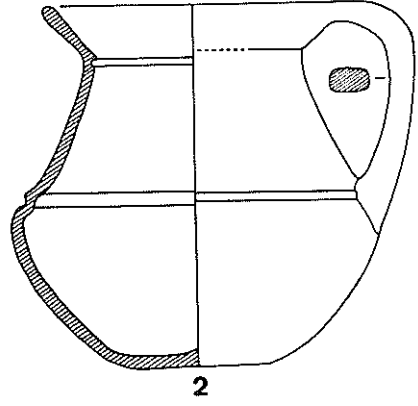
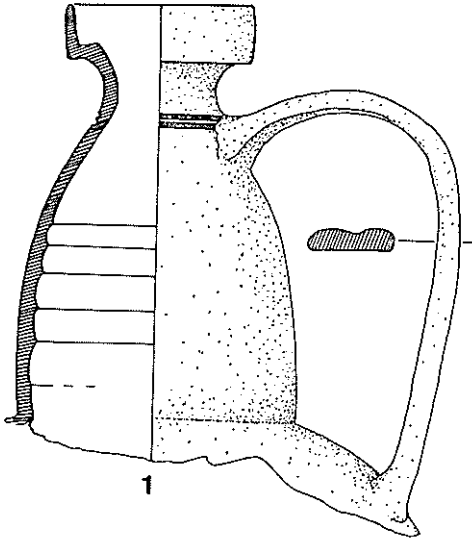
5



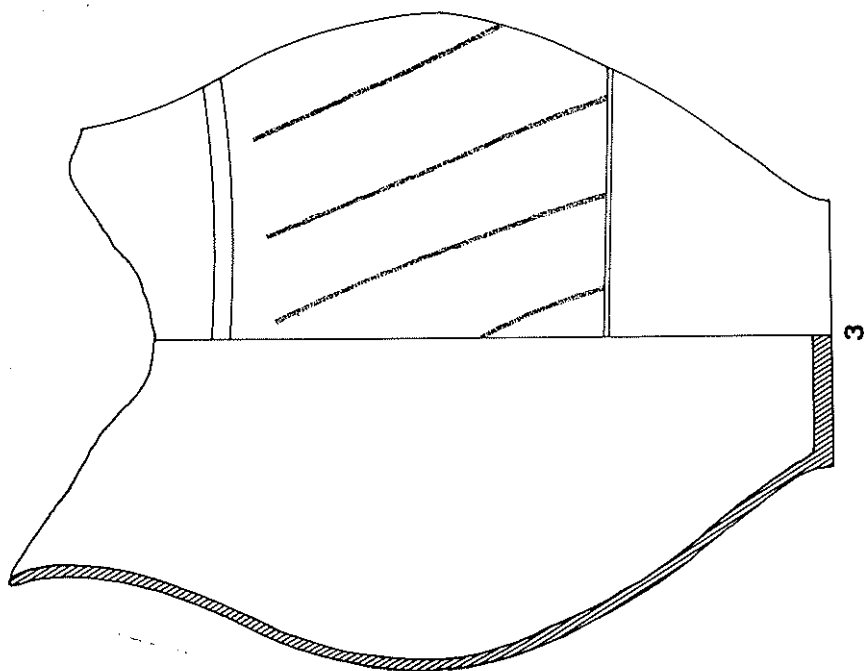
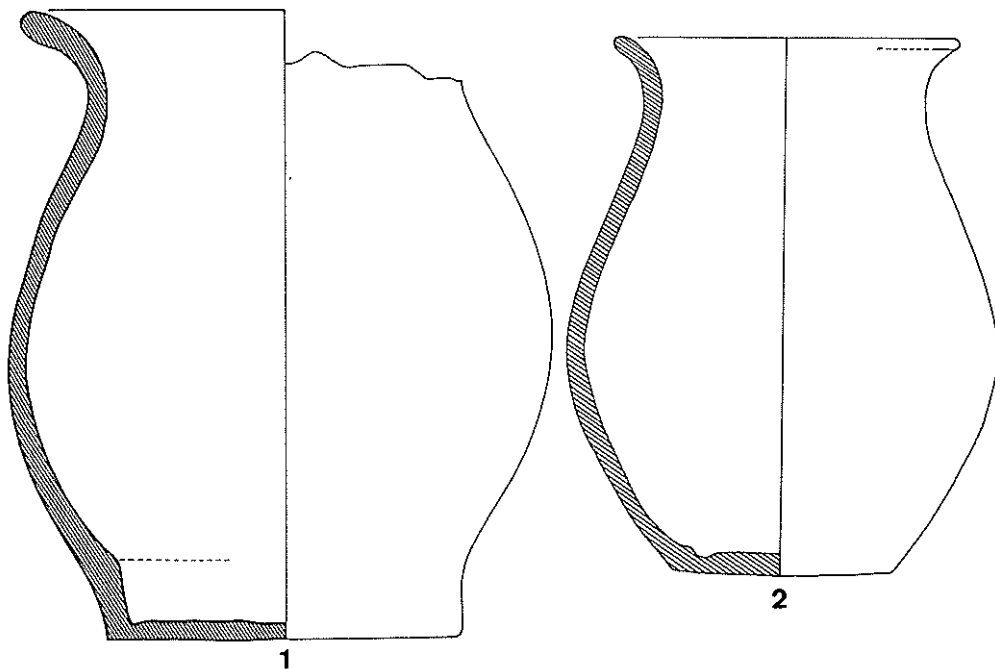




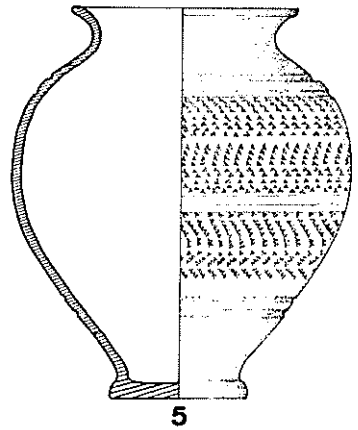
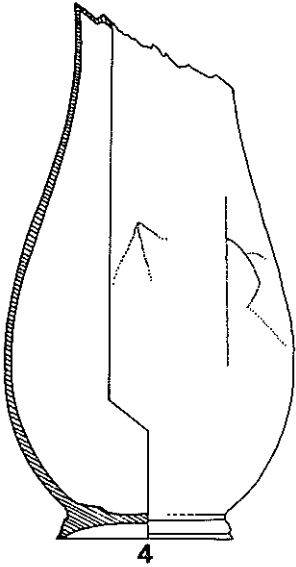
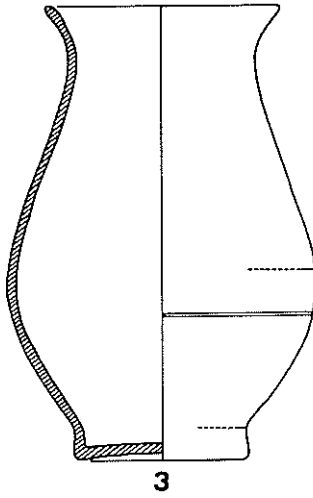
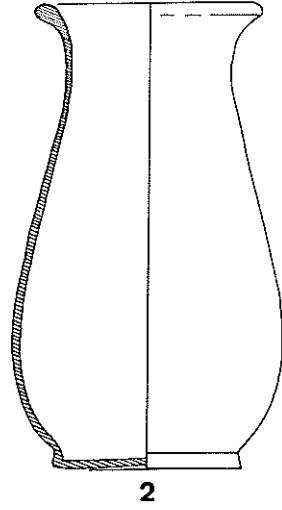
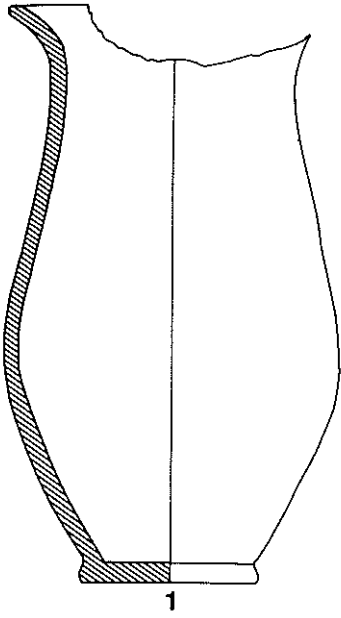












.

3